

# DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA(GENS) NO ENSINO FUNDAMENTAL II AO PIBID: UM COMPARATIVO ENTRE AS METODOLOGIAS UTILIZADAS NAS INTERVENÇÕES REFERENTE ÀS AULAS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Mirele Ananias da Silva <sup>1</sup>  
Daniele Martins da Silva <sup>2</sup>  
Iara Francisca Araújo Cavalcanti <sup>3</sup>  
Sílvio César Lopes da Silva <sup>4</sup>

## RESUMO

O presente artigo parte da experiência proporcionada pela regência realizada no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II e pela intervenção desempenhada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) nas aulas de Análise Linguística. A pesquisa realiza um comparativo entre essas duas práticas pedagógicas, observando o processo de ensino-aprendizagem e metodologias utilizadas em sala de aula, tendo por base aquilo que foi desenvolvido pelos professores e a forma como os alunos interagiram e participaram diante da proposta didática apresentada. Para isso, destaca-se a realidade particular de cada situação, a forma como os professores abordam e trabalham os assuntos propostos, o envolvimento da turma e os resultados obtidos. O artigo será desenvolvido em partes, as quais descreveremos, à luz de alguns ensaios, autores e teorias, o contexto da sala de aula, os sujeitos, a prática desenvolvida e os resultados. Nosso objetivo principal é pensar, a partir da realidade posta, práticas que reflitam a necessidade e a realidade do aluno. Com isso, não queremos explicitar o que é melhor ou pior a ser aplicado dentro de sala de aula, mas sim, aquilo que é possível de ser desenvolvido e de ter a participação direta do aluno.

**Palavras-chaves:** Estágio supervisionado e PIBID; Análise Linguística; Texto no Ensino de Gramática; Aulas interativas.

## INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, doravante PIBID, tem como proposta majoritária possibilitar a inserção de licenciandos no cotidiano escolar, efetuando-se através da observação da prática docente do professor-supervisor, a fim de ultrapassar a barreira construída entre o ambiente acadêmico e a realidade concreta dos

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [mireleananias@gmail.com](mailto:mireleananias@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [danieleprof915@gmail.com](mailto:danieleprof915@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora titular da Universidade Estadual da Paraíba e Coordenadora de área – Língua Portuguesa, do PIBID-Fapesq-PB, [iarauepbaraujo@gmail.com](mailto:iarauepbaraujo@gmail.com)

<sup>4</sup> Professor da rede estadual de ensino lotado na Secretaria Estadual de Educação da Paraíba. Licenciado em letras, filosofia e pedagogia. É professor supervisor do PIBID-FAPESQ-PB subárea Língua portuguesa, [sclop34@gmail.com](mailto:sclop34@gmail.com)



professores de escolas públicas. Dentro desse viés, o componente curricular de Estágio Supervisionado de Língua (gens) no Ensino Fundamental II, propõe, também, que os graduandos do curso de licenciatura em língua portuguesa intervenham, obrigatoriamente, no contexto da sala de aula, no entanto, não somente na posição de observadores, mas principalmente no papel de docente.

Pretende-se, neste trabalho, realizar um comparativo entre a metodologia utilizada no Estágio Supervisionado de Língua(gens) no Ensino Fundamental II, em uma turma do 7º ano, de uma escola pública estadual, localizada na cidade de Campina Grande-PB, cujo conteúdo de análise linguística trabalhado foram os pronomes pessoais do caso reto e oblíquo e a metodologia aplicada à turma pela qual ficamos responsáveis no PIBID, que foi o 9º ano, também pertencente a rede estadual de ensino, localizada na mesma cidade e, desta vez, o conteúdo de análise linguística que nos atemos foram às dez classes gramaticais - substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, conjunção, interjeição, pronome, preposição, numeral e artigo -, que foram trabalhadas sob o viés revisional.

Diante dos distintos contextos escolares e, conseqüentemente, o particular processo de ensino-aprendizagem de cada turma, estabelecemos o texto, uma música e um conto, como ponto de partida para o ensino de gramática. Nesse sentido, o papel lúdico, a inserção sociocultural e o aprendizado contextualizado, tomando o texto como base para o ensino de análise linguística, configuram uma metodologia que colabora com a aquisição de conhecimento de forma efetiva, considerando que tal recurso didático atrai a atenção dos alunos e os tornam conscientes da função pragmática que a linguística representa.

Nesse sentido, a intervenção proporcionada pelo Estágio e pelo PIBID exige do licenciando uma discussão teórica e um planejamento que irão anteceder a prática docente. Para isso, discute-se o texto de Bezerra e Reinaldo (2020) guiadas pelos estudos de Geraldini (1984), no capítulo Análise linguística como eixo do ensino de língua portuguesa, presente no livro Análise Linguística: afinal a que se refere? Pautado no interacionismo sociodiscursivo, apresenta a diferença entre as ações da linguagem, às quais distinguem-se entre atividades linguísticas, atividades epilinguísticas e atividades metalinguísticas. Além disso, trata-se, brevemente, da concepção de ensino a partir da perspectiva do interacionismo-dialógico de Bakhtin (2004), a partir do texto de Dantas e Rodrigues (2019).

Com isso, esta pesquisa faz-se necessária para propor uma reflexão sobre as diferentes metodologias que podem ser adotadas dentro do contexto escolar, atendo-se à importância de observar a realidade de cada turma e, assim, notar a aplicabilidade e produtividade de cada método de ensino adotado. Para além disso, observa-se a contribuição que o

compartilhamento da nossa experiência no programa de extensão (PIBID) e no Estágio, oferecidos durante o nosso processo de formação de professores de Língua Portuguesa, pode promover na condução da teoria acadêmica à prática em sala de aula.

## **METODOLOGIA**

O fazer metodológico perpassa por ações que vão desde a teoria à prática, e nesta a junção e construção do conhecimento. Sendo assim, nossa pesquisa se configura como uma pesquisa qualitativa, pois, como assinala Minayo (2000), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares que envolvem vivências múltiplas, uma vez que enfoca certo nível da realidade a qual não pode ser quantificado, justamente por trabalhar com um universo de múltiplos significados que se representa, forma e transformam constantemente. Dessa forma, enquanto sujeitos de um processo em construção, que acontece paulatinamente, por meio da inserção, envolvimento e compreensão da realidade dada. Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho participativo, visto que se caracteriza pelo envolvimento do pesquisador e pesquisados no processo da pesquisa, na coleta de dados e, por conseguinte, na análise dos mesmos. (Gil, 2008)

## **RESULTADOS E ANÁLISES**

O fazer pedagógico é efeito do planejamento, para realizarmos uma prática efetiva na sala de aula urge que nossa docência seja permeada por uma metodologia estrategicamente pensada e articulada com a realidade de cada escola e aluno. Planejar o ensino de Língua Portuguesa exige do professor um embasamento teórico, isso com o objetivo de desenvolver uma metodologia coerente com sua prática pedagógica, que pode ser tradicional ou inovadora. O foco do nosso trabalho é na segunda proposta, na concepção interacionista sociodiscursiva, que pressupõe o estudo da língua a partir das relações sociais entre os sujeitos, a língua em uso e dentro de um contexto.

Mediante essa perspectiva, pensamos no ensino de língua materna enquanto prática social, a qual deve priorizar a formação discursiva dos alunos, em que o texto passa a funcionar como elemento indicador de sentido dentro das interações suscitadas pela/através da linguagem. Dentro dessa ótica, aplica-se às noções do interacionismo-dialógico de Bakhtin (2004 apud Dantas e Rodrigues, 2019), que compreende a linguagem como um processo interativo, realizado por meio das relações dialógicas, nas quais os sentidos são construídos

socialmente entre os interlocutores. Dessa forma, os conceitos citados só poderiam ser efetivados através de uma aproximação entre a teoria e a prática.

Dessa forma, a prática de Análise Linguística (doravante AL), dentro da sala de aula, consiste no processo, partindo da estrutura concreta da língua, linguística, refletir sobre as possibilidades de sentidos que estão além do texto e da mera classificação de palavras. Nesse sentido, Bezerra e Reinaldo (2013) elenca o texto como base da análise linguística, mais a interação social, como parâmetro essencial na construção de saberes. Sendo assim, pretende-se observar as metodologias desenvolvidas e aplicadas dentro de dois diferentes contextos de sala.

As aulas de AL ministradas na turma de estágio, consistiram em quatro aulas. No entanto, nosso foco se deu, em duas aulas, tendo em vista a ocorrência de eventualidades na escola, as quais mudaram o planejamento proposto. Através de uma autoavaliação, percebermos que a metodologia utilizada estava centrada nos aspectos metalinguísticos da língua. Sendo assim, iniciamos a aula que sucedeu o ocorrido, na outra semana, revisando o assunto trabalhado. Para isso, selecionamos o conto *A galinha*, de Clarice Lispector, para estudarmos os pronomes pessoais do caso reto e os pronomes oblíquos. Nessa aula observamos a importância de ministrar um conteúdo de linguística contextualizado, isto é, dentro do texto, em que se destacou o envolvimento da turma e a facilidade de reger o assunto.

Nesse sentido, o primeiro momento da aula foi dedicado à leitura do conto, em que cada discente realizou a leitura de um trecho. Cada aluno continha uma cópia e nela havia destacado os pronomes, o objetivo era realizar, posteriormente, uma análise mais focada com os alunos. Na sequência, abrimos espaço para a discussão do texto, pensando no seu título, no clímax, no desfecho e nos elementos constitutivos - personagens, ambiente, tema - da narrativa. Para, por fim, observarmos a função dos pronomes pessoais na construção textual enquanto mecanismo de referenciação e de substituição como uma forma de garantir a coesão, evitando a repetição de determinados termos ao longo do texto.

No nono ano, as aulas de AL foram regidas através de uma dinâmica diferente das aulas de estágio. A turma foi dividida em cinco grupos de cinco pessoas, com os quais cada pibidiana ficou responsável por um deles; na sequência, cada equipe recebeu um material específico, nele continha a letra de uma música e um recorte de papel com as classes gramaticais e seu conceito, que, nesse caso, seria o conteúdo a ser discutido com os alunos; e, por fim, os grupos foram dispostos em lugares diferentes pela escola - dois grupos ficaram na

sala, outros dois no pátio e um na biblioteca. O objetivo era trabalhar as classes gramaticais como forma de revisão, a partir da letra de músicas.

A discussão irá girar em torno do grupo de alunos com o qual fiquei responsável. Trabalhamos com a música *À primeira vista*, de Chico César, pouco conhecida pelos alunos, e nossas atividades foram realizadas na biblioteca. Logo abaixo está disposta uma fotografia do momento da aula:



**Foto: Alunos revisando as classes gramaticais a partir da dinâmica de grupos.**

No momento inicial da aula exploramos o recurso auditivo que o gênero, a música, nos proporciona. Diante disso, através do uso do celular e internet, realizamos uma busca da música, colocamos para tocar e escutamos atentamente. Em seguida, iniciamos uma discussão coletiva sobre ela, refletindo sobre o cantor, a musicalidade, o conteúdo e o seu título. Passado esse momento, o conteúdo de AL foi introduzido por meio do seguinte questionamento: “Vocês sabem o que ou quais são as classes gramaticais? ”. Ao não obter uma resposta significativa, observamos a dificuldade que eles possuíam para conceituar o termo. Porém, ao exemplificar uma classe, como o substantivo, tornou-se mais claro para eles, que em seguida resgataram mais algumas da memória, como o verbo e o adjetivo.

Posteriormente, elencamos a definição de cada classe gramatical, sempre tentando resgatar o conceito dos alunos, e copiamos no caderno. Após esse momento, foi proposta para os alunos a seguinte atividade: “Diante da nossa discussão sobre a canção e dos conceitos elaborados, identifique na letra da música palavras que se enquadrem nas classes gramaticais apresentadas”. Então, os alunos, individualmente, realizaram essa busca, para depois discutirmos os resultados coletivamente. Essa discussão visava atender as dúvidas surgidas durante a atividade através da observação, análise das palavras, dentro de um contexto, da música, tendo em vista que o agrupamento das palavras em classes não se trata de algo cristalizado e que, dependendo do contexto, tais palavras podem transmitir outro sentido e ocupar outra classe. Logo, como eles poderiam realizar essa distinção senão por meio de um

exemplo prático? Para finalizar a aula, retomamos os conceitos e propomos aos alunos que criassem exemplos próprios para exemplificar cada categoria gramatical estudada.

Com base no exposto, segundo as autoras Bezerra e Reinaldo (2020) existem duas concepções de AL, a primeira seria a ampla, que foca na descrição da língua, e a segunda, que além de descrever a língua, tem finalidade didático-pedagógica. Mediante a segunda concepção, Franchi (1977) contempla um aspecto importante quando pensamos em análise linguística, que consiste em pensar na linguagem como uma construção interacional entre sujeitos, em que a compreensão da língua se dá por meio da atribuição de sentido.

Nessa perspectiva, são apresentadas três tipos de atividades para o ensino de AL, propostas por Geraldi (1984) como uma nova forma de direcionar o ensino de Língua Portuguesa, são elas as atividades linguísticas, que observa a linguagem em uso, dentro de um ambiente comunicacional/interacional; as atividades epilinguísticas surgem entre as lacunas da atividade linguística, as quais fazem inferências, reflexões e atribuições de significado ao texto discutido, criando possibilidades de experimentar e transformar os modos de utilizar a linguagem, além de ser o foco dentre as demais atividades; e as atividades metalinguísticas, que parte do caráter sistemático da língua, focado em classificar e categorizar os fatos linguísticos.

Ademais, partindo da breve descrição feita, podemos observar que as atividades citadas como uma maneira de ponderar novas concepções acerca da linguagem e do seu ensino na sala de aula. Diante disso, a sua nova perspectiva caminha para um modelo de ensino-aprendizagem que busca deixar de lado o ensino tradicional e focar no inovador. Sendo assim, a ordem de aplicação destas atividades é crucial para determinar o modelo que o docente utiliza para transmitir o conhecimento sobre língua e linguagem para os seus alunos. Pensando nisso, depreende-se que a sequência a ser abordada na prática atual da AL seria primeiro a linguística, segundo a epilinguística, e terceiro a metalinguística. Isso com ênfase no ensino da linguagem de modo progressivo e não iniciando diretamente da teoria gramatical, como geralmente é feito.

Ensinar com base nesta sequência é principiar as atividades por meio do grau de abstração e encerrar com práticas mais concretas e sistemáticas. Assim, Franchi (1977 apud Bezerra e Reinaldo, 2020), propõe uma ordem para executar essas atividades, que seria começar pelas atividades linguísticas, possibilitando o diálogo, interação social entre os alunos, acerca de um texto oral ou escrito e a partir dessa prática comunicativa partir para a atividade epilinguística, que consiste em atribuir significado, de modo reflexivo, ao texto discutido e, por fim, finalizar com a atividade metalinguística, contemplando os aspectos gramaticais, como nomenclaturas



e classificações das palavras utilizadas na construção do texto. Com isso, temos em vista que as atividades apontadas por Geraldi (2006) são complementares, em que uma visa preencher as ausências umas das outras.

Nesse sentido, o conteúdo de AL trabalhado em sala de aula, no Estágio e no PIBID, foram executados de acordo com a ordem proposta por Franchi (1977) em consonância com Geraldi (2006), na qual discutimos antes os aspectos epilinguísticos e linguísticos a partir da música e do conto, para, no fim, partirmos para uma atividade metalinguística. Logo, observou-se um maior envolvimento com o conteúdo, marcado pela interpretação dos textos, a consciência da funcionalidade do conteúdo gramatical no texto, frisando principalmente a volatilidade que as palavras podem possuir dentro das categorias, e uma compreensão significativa da aula, representada pela capacidade reconhecer os elementos de retomada/substituição e exemplificação de algumas classes gramaticais. Com isso, é notória a importância que a aprendizagem da língua se dá através de materialidades textuais, tornando visível a necessidade de invertermos o padrão de trabalho com a linguagem, que é comumente marcado pelo início, ou somente pela classificação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência proporcionada pelo Estágio Supervisionado e o PIBID é de suma importância para compreendermos que o curso de licenciatura depende de uma aproximação entre a teoria e a prática. Cada contexto de sala de aula é diferente, seja pelo nível da turma, pela dificuldade e habilidade dos alunos, pelo local em que a escola está localizada, pela quantidade de alunos por sala e pelo histórico de ensino-aprendizagem ao longo dos anos anteriores. Enquanto professores, precisamos moldar a nossa prática pedagógica, adequando-a a cada realidade. No entanto, como fazê-lo de forma eficiente sem antes estarmos conscientes destes empecilhos durante a nossa jornada acadêmica, considerando que a melhor forma de adquirirmos essa consciência é através da inserção direta em sala de aula?

Apesar disso, participar de uma sala de aula, que não é nossa de fato, resulta em algumas implicações que comprometem o mais próximo que poderíamos ter de “real” experiência em sala de aula, à medida que também colaboram com a nossa aprendizagem. O exercício da docência, enquanto estagiário ou pibidiano, é marcado por limitações de controle de turma, por não sermos vistos como autoridade máxima em sala, de conteúdos e ordem a serem trabalhados, limitação inerente ao próprio trabalho docente, ou de acompanhamento recorrente e efetivo da turma, visto que os encontros acontecem uma vez na semana.

Entretanto, não estarmos sozinhos nesse percurso resulta no apoio tão necessário para quem está no início do processo. O contato com o professor precursor ou supervisor, funcionam de modo a orientar nossa prática, orientação essa que de fato constrói devidamente aprendizados para a práxis educacional.

Além disso, os resultados obtidos com cada experiência, levando em consideração o curto período de regência, demonstram que a aprendizagem é um processo que está sempre em construção. O reconhecimento de uma classe gramatical que, no início da aula, apresentava-se enquanto um desafio, mas que, no final da aula, já se tornou possível reconhecer e até exemplificá-la através de exemplos cotidianos. Ou compreender a retomada de um termo, por meio de um pronome, citado anteriormente, como um meio de tornar a leitura mais fluída e coesa, são caminhos que revelam a importância de estarmos em sala sempre buscando a melhor metodologia para utilizarmos no nosso ensino.

Portanto, atuar como estagiário e pibidiano configura uma experiência necessária durante a nossa graduação em licenciatura, pois é um meio de estarmos dentro de sala, aliando a prática ao nosso conhecimento acadêmico, observando a metodologia do professor regente e aceção da turma, recebendo feedbacks sobre o nosso método de ensino, colaborando com o desempenho dos discentes e entendendo que os erros fazem parte do percurso, podendo ser vistos como um passo para o nosso aprimoramento enquanto docentes. Nesse sentido, programas como o PIBID devem ser cada vez mais propagados, para que possa atingir um número maior de alunos de diversas áreas do conhecimento, como uma forma de incentivo profissional e estudantil e de permanência no curso.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística: afinal, a que se refere?** V. 3. São Paulo, 2020.

DANTAS, M. A. C. O; RODRIGUES, L. P. **A Formação do Professor de Língua Materna: aspectos didáticos e currículo.** In: LOPES, Maria S. de Oliveira;

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. **Cadernos de Literatura e Ensaio**, São Paulo, n. 5, p. 9-27, 1977.

GIL, A.C. **Métodos e teorias de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006 [1984].

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.



Realização



Apoio



Organização:

